

# VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 15



SANTIAGO DE COMPOSTELA  
2011

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como copatrocinia eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos diretivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Diretivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu patrimônio é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos pelo Conselho Diretivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

### **Conselho Diretivo**

Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela  
eliasjose.torres@usc.es

1.º Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra  
cristinacordeiro@hotmail.com

2.º Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS; FAPA; CNPQ  
regina.zilberman@gmail.com

Secretária-Geral: M. Carmen Villarino Pardo  
carmen.villarino@usc.es

Vogais: Anna Maria Kalewska (Univ. de Varsóvia); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Claudius Armbruster (Univ. Colónia); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Mirella Márcia Longo Vieira de Lima (Univ. Federal da Bahia); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

### **Conselho Fiscal**

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense)..

Associe-se pela homepage da

AIL: [www.lusitanistasail.net](http://www.lusitanistasail.net)

Informações pelo e-mail: [secretaria@lusitanistasail.net](mailto:secretaria@lusitanistasail.net)

# **Veredas**

## **Revista de publicação semestral**

Volume 15 – junho 2011

***Diretor:***

Elias J. Torres Feijó

***Diretora Executiva:***

Raquel Bello Vázquez

***Conselho Redatorial:***

Axel Schönberger, Clara Rowland, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Maria do Cebreiro Rábade Villar, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire, Ulisses Infante, Vera Lucia de Oliveira. Por inerência: Anna Maria Kalewska, Benjamin Abdala Junior, Claudius Armbruster, Cristina Robalo Cordeiro, Fátima Viegas Brauer-Figueiredo, Helena Rebelo, Isabel Pires de Lima, Laura Cavalcante Padilha, M. Carmen Villarino Pardo, Mirella Márcia Longo Vieira de Lima, Onésimo Teotónio de Almeida, Petar Petrov, Regina Zilberman, Sebastião Tavares de Pinho, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Thomas Earle.

***Redação:***

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

<http://veredas.lusitanistas.net>

Endereço eletrônico: revista.veredas@gmail.com

***Realização:***

Desenho da Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

***Impressão e acabamento:***

Unidixital, Santiago de Compostela, Galiza

**ISSN 0874-5102**



# SUMÁRIO

SAMANTHA PIRES DOS SANTOS e ALEX FABIANO JARDIM Haroldo de Campos e a crítica de invenção.....	7
CRISTINE GORSKI SEVERO Línguas e discursos: Heterogeneidade linguístico-discursiva e poder em Angola.....	19
LUCINÉIA CONTIERO Exercício autobiográfico nas <i>Pequenas memórias</i> de José Saramago.....	47
MARIA MANUELA ARAÚJO Adelino Torres: A Poética do Tempo ou A Diagnose Poética do Inconformismo.....	71
SOCORRO DE FÁTIMA PACÍFICO BARBOSA Códigos, regras e ornamentos nos secretários, manuais e métodos de escrever cartas: a tradição luso-brasileira.....	79



# **Exercício autobiográfico nas *Pequenas memórias* de José Saramago**

LUCINÉIA CONTIERO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## **Resumo**

Este artigo centra a atenção no exercício autobiográfico-memorialístico de *As pequenas memórias* (2006), de José Saramago, procurando reconhecer o incurso no gênero biográfico que comporta várias modalidades (autobiografia, diário íntimo, memórias, confissões), e que passou a ganhar mais atenção nos meios acadêmicos como gênero discursivo. Assim, procuro ler a obra de Saramago como um discurso que revela a ambivalência de um eu que proclama, com frequência, mais multiplicidade e fragmentação e menos a concentração e unidade. Proponho uma leitura das singularidades dessas *pequenas memórias* que considere dois componentes conceituais biográficos, seus níveis de focalização e sua categorização autobiográfica, fatores capazes de fazer ver na sua obra sinais que contrariam postulados do discurso autobiográfico tradicional, acompanhando certas tendências do gênero da atualidade.

**Palavras-chave:** José Saramago, gênero biográfico, memória.

## **Abstract**

This article focuses on the memorialistic-autobiographical exercise of *As pequenas memórias* (2006), by José Saramago, trying to acknowledge the incursion in the biographical genre that includes multiple modalities (autobiography, intimate diary, memories, confessions), and that has been gaining more academic attention as a discursive

sive genre. Therefore, I read the work of Saramago as a discourse which shows the ambivalence of an I that often proclaims more multiplicity and fragmentation and less concentration and unity. I propose a reading of the singularities of *As pequenas memórias* considering two biographical conceptual components, their levels of focus and their autobiographical categorization, factors that allow us to see in his work signals that contradict the traditional postulates of the autobiographical discourse, following certain tendencies of the genre.

**Keywords:** José Saramago, biographical genre, memory.

Em 1998, um escritor de língua portuguesa, José Saramago, conquista o maior prêmio internacional de Literatura, o Nobel, depois de ter conquistado o maior no universo lusófono, o Prêmio Camões, em 1995. Compreende-se, então, que pudesse ser considerado, até 2010, ano de sua morte, «o maior escritor vivo da língua portuguesa», aquele que «conseguiu chamar a atenção do mundo para o nosso idioma» (Neto, *Gazeta do Povo*, 05.06.1999). Saramago, na concepção de Wilson Martins, é realmente «um dos romancistas universais de maior estatura». Não só renova a temática do romance português, mas também suas bases estruturais, «para nada dizer do extraordinário estilo literário propriamente dito». Ainda: «no sistema orográfico do romance português, ele é o pico isolado e de maior altura – inacessível para os alpinistas de fôlego curto» (*O Globo*, 9.07.1998).

A importância de José Saramago para a literatura portuguesa e de expressão portuguesa pode ser medida por essa laudatória crítica que tem ainda focado o estilo «irreverente», de períodos longos e pontuação nada convencional, a sensação de fluxo de consciência, a linha tênue entre o plano da realidade e o do pensamento – características que fizeram o escritor ser considerado «um dos melhores prosadores de língua portuguesa» (Barbosa, *Folha de São Paulo*, 06.12.1998).

Nascido em Portugal, em uma aldeia da Golegã, Ribatejo, chamada Azinhaga, em 16 de novembro de 1922, José de Sousa Saramago é de família bastante humilde. Os avós maternos, com quem conviveu, Josefa e Jerônimo, eram guardadores de porcos. O pai, José de Sousa, foi trabalhador rural e mais tarde guarda civil; a mãe, Maria da Piedade, faxineira. O registro do menino foi feito dois dias após o nascimento, e

uma bebedeira, tal como quis entender o pai, leva o cartorário do registro Civil da Golegã a acrescentar a alcunha Saramago ao nome José de Sousa, nome de erva daninha, planta rasteira, capaz de aliviar os famintos. Passa a ser, portanto, o primeiro membro da família Sousa a carregar o sobrenome Saramago, fato só descoberto pela família quando o garoto precisou do documento para a matrícula escolar, aos sete anos. O pai, com o tempo, e constantemente cobrado pela irregularidade, resolveu o assunto optando por também acrescentar Saramago ao seu nome.

A vida simplória de Zezito, como era chamado pelos familiares, começa, portanto, em 1922, na aldeia de Azinhaga, de onde se transfere com a família, quase dois anos depois, para Lisboa. A família troca de residência várias vezes, enquanto o menino vai colecionando lembranças de ruas, de bairros. Com o tempo, o pai, que era guarda, sobe de posto, chega a subchefe da guarda civil. Mas a família continua pobre, o que impede o rapaz de entrar na Universidade. Autodidata, o conhecimento resulta das muitas visitas noturnas à Biblioteca Municipal Central, no Palácio Galveias. Saramago formou-se metalúrgico na Escola Industrial Afonso Domingues, em Xabregas, e passou a trabalhar como serralheiro mecânico. Foi desenhista técnico, funcionário administrativo, agente de seguros. Em 1944, já funcionário público, casa-se com Ilda Reis, com quem tem uma filha, Violante, nascida em 1947, ano em que publica seu primeiro romance, *Terra do pecado*, desprezado pela crítica. Saramago, então com vinte e cinco anos, insiste e entrega ao editor o segundo romance rejeitado e ainda inédito, *Clarabóia*. Para aumentar seus rendimentos, desde 1955 faz traduções de Hegel, Tolstoi e Baudelaire, entre outros autores consagrados, ao mesmo tempo em que persiste na discreta e solitária carreira literária. Já está filiado ao Partido Comunista.

Enquanto funcionário da Editorial Estúdios Cor, Saramago lança três livros de poesia: *Os poemas possíveis* (1966), *Provavelmente alegria* (1970) e *O ano de 1993* (1975). Deixa a Estúdios Cor e passa a trabalhar para jornais de grande circulação. Atua por curto tempo no *Diário de Notícias* e logo ingressa no extinto *Diário de Lisboa* para escrever artigos de temas políticos. Em 1975, depois de afastar-se, volta ao *Diário de Notícias* para assumir o cargo de diretor-adjunto, função que assume por dez meses apenas, pois atua como militante comunista

durante a Revolução dos Cravos. Por assumir posição radical, Saramago não encontra apoio nos colegas do partido, antes «uma fria, gratuita e desapiedada indiferença, vinda precisamente de quem tinha o dever absoluto de oferecer-me a mão estendida» (Saramago, *Visão*. Lisboa, 10.12.1998). Aos cinquenta e cinco anos, sem emprego, Saramago decide trocar a carreira de jornalista pela de ficcionista.

Um intervalo de trinta anos separa *Terra do pecado* (1947), primeiro romance, de *Manual de pintura e caligrafia* (1977), títulos ainda insuficientes para firmar o nome do escritor junto à crítica. O *Manual* marca o princípio de uma nova fase, essa compromissada exclusivamente com a literatura. Seguem-se *Levantado do chão* (1980) e *Memorial do convento* (1982). Este, um romance histórico de minuciosa descrição social misturada com personagens ficcionais e quadros reais, firma definitivamente o nome do escritor na cena literária portuguesa.

Entre 1980 e 1991, Saramago publica quatro novos romances, e já não se duvida do seu talento criativo: *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), *A jangada de pedra* (1986), *História do cerco de Lisboa* (1989) e *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991). Cada vez mais preocupado com os rumos da sociedade contemporânea, o velho comunista aplica-se a criticar mais intensamente alguns fundamentos dessa sociedade. Talvez se pudesse admitir um novo rumo a partir de *Ensaio sobre a cegueira* (1995), que inclui *Todos os nomes* (1997), *A caverna* (2001), *O homem duplicado* (2002) e *Ensaio sobre a lucidez* (2004), fase em que Saramago, crítico e polêmico, não se constringe de ser pessimista. *As intermitências da morte* (2005), *A Viagem do Elefante* (2008) e *Caim* (2009) possibilitam o que seria um terceiro momento ficcional, que então avança para a instauração do cômico, conforme analisa Ana Paula Arnaut (2006, 119; 2008, 42).

Desde 1993, Saramago vivia com a mulher, com quem se casa em 1988, a jornalista e tradutora espanhola María Del Pilar Del Río Sánchez, em uma das Ilhas Canárias, Lanzarote, domínio insular espanhol cravado no Atlântico, fronteando o continente africano. Quer Wilson Martins que Saramago, fazendo residência numa ilha, propõe, por assim dizer, «a metáfora da própria extracontinentalidade, numa espécie de

arrogante, mas também nostálgico, desafio» (*O Globo*, 9.07.1998). As anotações sobre esse «nostálgico desafio» resultam nos registros de um jeito de ser e viver. *Cadernos de Lanzarote*, diários publicados entre 1994 e 1997 e *As pequenas memórias*, título publicado em 2006, comprovam que Saramago tomou gosto pelo relato autobiográfico.

O gênero biográfico, em suas várias modalidades, casa-se, em Saramago, com a tendência, na ficção, pela reconstrução de períodos históricos rastreando tramas ficcionais, como em *Memorial do convento*, por exemplo, em que o operário Baltasar Sete-Sóis, um dos trabalhadores que colaboram na estruturação do Convento, contracenam com o personagem histórico Bartolomeu de Gusmão. Em *A jangada de pedra*, a Península Ibérica se solta do resto da Europa pelo Atlântico e, em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, as escrituras ganham a ótica de um filho de deus humanizado. Nesse jogo entre fato e ficto intromete-se um toque de ironia do narrador, o que configura certo juízo de valor, certa intromissão da individualidade autoral capaz de, rastreada, sugerir informação de índole biográfica, ou biografema (informações não diretamente biográficas mas com esse índice indireto). No que compete à obra de Saramago, biografemas são passíveis de identificação nos romances, podem ainda ser rastreados nas crônicas, em reportagens, em poemas. João Alexandre Barbosa, referindo-se à obra romanesca de Saramago, resume a contento a relação biografema/narrador: «é constante a forte presença de um narrador» que, «quase sempre no limiar da dicção autobiográfica», busca «no patamar mais objetivo da história e da realidade circunstancial, as dissonâncias das experiências subjetivas de que a linguagem tem dificuldades de dar conta» (*Folha de São Paulo*, 06.12.1998).

Pretendo, aqui, em particular, abordar *As pequenas memórias* enquanto expressão categórica de certa tendência biográfica contemporânea, como obra que situa o autor português entre os que praticam a biografia, mais especificamente a autobiografia, com um despreendimento capaz de confundir-se com iconoclastia. Em outras palavras: em *As Pequenas memórias*, o biografismo reveste, no abono temático, a expectativa tradicional do relato eufórico de infância e, no plano formal, deixa-se levar por uma consciência inconsciente de registro espontâneo

dos fatos, alheio ao rigor das provas, como, aliás, permite a autobiografia, categoria cuja fonte informativa centra no agente dos fatos o titular do testemunho. Obrigamo-me, portanto, a uma reflexão sobre *As pequenas memórias* com o interesse específico de apresentar dois componentes do discurso autobiográfico saramaguiano: a categorização biográfica e os níveis de focalização, ou, em termos específicos, a categorização autobiográfica de *As pequenas memórias*, entendida como autobiografia intelectual, e sobre os níveis de focalização narrativa, que se caracteriza pelo eu múltiplo.

Editadas no Brasil pela Companhia das Letras em 2006, *As pequenas memórias* de Saramago parece configurar, em certa medida, uma resposta a alguns questionamentos feitos em *Manual de pintura e caligrafia*, tomando este título como uma «espécie de autobiografia oblíqua» em que «uma personagem indagava do pintor-narrador o que existiria na vida dele que valesse o trabalho de ser contado» (nota de orelha 2006). Agora, essas memórias da infância do narrador adulto dialogam com aquele narrador e coincidem nas alusões a obras de arte para resgatar do limbo, enaltecendo, fatos da vida ordinária de quem se destinava ao mundo da literatura. «Uma cereja traz outra cereja, um cavalo trouxe um tio, um tio irá trazer a versão rural da última cena do *Otelo* de Verdi» (Saramago, 2006: 25). Enquanto em *Manual* o narrador compara a arte de pintar com a de escrever, o narrador de *As pequenas memórias* se compara ao personagem Santo Antão retratado na obra *Tentações*.

Foi na Rua do Bem-Formoso, na esquina de uma das escadinhas que ali há, e eu devia ter uns doze anos. E se é certo que algumas das fantasmagorias boschianas parecem suplantar de longe as possibilidades de qualquer comparação entre o santo e a criança, será só porque já não nos lembramos ou não queremos nem lembrar-nos do que então se passava nas nossas cabeças. Aquele peixe voador que no quadro de Bosch leva o santo varão pelos ares e ventos não se distingue assim tanto do nosso próprio corpo voando, como voou o meu tantas vezes no espaço dos quintais entre os prédios da Rua Carrilho Videira, ora rasando os limoeiros e as nespereiras ora ganhando altura com um simples adejar dos braços e pairando por cima dos telhados. (Saramago, 2006: 33)

Essa intermediação artística na revisão do passado por que se formula a predestinação literária do jovem encontra expressão adequada em *As pequenas memórias*. Parece ser um avanço do discurso confessional: «Após *Cadernos de Lanzarote*, o entendimento do eu como objeto de reflexão e não apenas ponto de vista dá agora outro resultado de escrita» (Seixo, *Caderno de Poesia*, 07.11.2006). Talvez não devêssemos, então, levar ao pé da letra este «simplesmente» a que se refere o memorialista: «memórias pequenas de quando fui pequeno, simplesmente» (Saramago, 2006: 34). Em entrevista ao jornal *El País* (20.08.2006), o escritor afirma ter escrito suas memórias de infância e adolescência desejando que seus leitores conhecessem o passado que o fez tornar-se o homem José Saramago, o escritor consagrado. «Escrever», confessa, «foi doloroso», pela obrigação de recuperar na memória recordações, passagens e sentimentos familiares nada agradáveis, «coisas que uma criança não devia ter visto». Outrossim, nas memórias, o destino (nome) do escritor se funde com a destinação superior para a arte, a de «salvar», ainda que em esfinge (no verbo), e para os outros homens, pequenos acontecimentos da vida ordinária que encontram ressonância na vida de cada um: «Quero crer que hoje ninguém se lembraria do José Dinis se estas páginas não tivessem sido escritas.[ ] Sou o único que pode recordar aquela soberba melancia de casca verde-escura que comemos na borda do Tejo» (Saramago, 2006: 136).

Reivindicar para essas memórias uma carga de humanismo é apenas um dos principais ideários de Saramago. O adulto (vencedor) que contempla o menino provinciano e pobre revive o «mágico casulo» da infância, que sonda «as metamorfoses decisivas da criança e do adolescente» (Saramago, 2006: 15), e é sempre um nostálgico do humanismo, mesmo que reconstruído no exercício de lembrança:

[...] olho de cima da ribanceira a corrente que mal se move, a água quase estagnada, e absurdamente imagino que tudo voltaria a ser o que foi se nela pudesse voltar a mergulhar a minha nudez da infância, se pudesse retomar nas mãos que tenho hoje a longa e húmida vara ou os sonoros remos de antanho, e impelir, sobre a lisa pele da água, o barco

rústico que conduziu até às fronteiras do sonho um certo ser que fui e que deixei enalhado algures no tempo. (Saramago, 2006: 15)

A serena simpatia do velho pelo infante é a tônica dessas *pequenas memórias* oferecidas sem prefácio, sem sumário, sem informação preambular que guie o leitor. Além da dedicatória à esposa Pilar, que «não havia nascido» no quadro dos fatos narrados, a única recomendação vem em forma de «conselho», na epígrafe: «Deixa-te levar pela criança que foste» (Saramago, III, IV). Surge, então, diante do leitor, um «garoto interiorano, de calções e meias pretas subidas até o joelho», cabelos à escovinha, «apegado aos avós analfabetos e a um ambiente quase bíblico, dedicado, entre outras coisas, a cuidar de animais de criação, a alimentar-se frugalmente» e a «respeitar a hierarquia do sangue» (Colombo, *Jornal Folha de São Paulo*, 14.11.2006).

Saramago apresenta suas memórias em um curto, mas intenso período de vida, dos dois aos dezesseis anos. Das cento e trinta e oito páginas do livro, o autor se ocupa, quase na totalidade, da genealogia familiar, apresentando pais, avós, tios, primos, sempre entremeando o relato com passagens pitorescas que envolveram familiares e conhecidos, sobretudo vizinhos. As memórias da infância se dividem entre vivências de Azinhaga e de Lisboa, para onde o menino, com menos de dois anos, mudou-se com a família na primavera de 1924. As reações do menino Saramago diante desses dois universos, o rural e o urbano, diante das primeiras descobertas e desafios, revelam-se em situações que mesclam a alegria pueril em franca liberdade campesina, a formação familiar, escolar, profissional, as primeiras e inocentes paixões, as primeiras dores, o contato com a maldade dos adultos, a repressão disciplinadora do pai, a relação infiel e por vezes violenta do pai com a mãe, as situações de pobreza, a morte do irmão Francisco e do primo José Dinis. O final do relato marca simbolicamente o término da infância com a conflituosa descoberta de que a existência é também dolorosa. Tais parâmetros temáticos, somados às informações que os antecedem, estão aqui para dar uma notícia apenas introdutória sobre o livro das memórias de Saramago. Dizem pouco, reduzem o relato a uma visão restrita, revelam-se pouca contribuição para o entendimento de sua natureza e profundidade.

*As pequenas memórias* narra a história do menino Saramago, de feição um tanto melancólica –que cedo perdeu o único irmão dois anos mais velho, vítima de broncopneumonia– mas capaz de chegar à plena alegria no sítio Divisões, onde moravam os afetuosos avós maternos, Josefa e Jerônimo. O sítio, na região de Azinhaga, foi o lugar onde o menino nasceu, onde viveu até quase dois anos, e para onde voltou de Lisboa, onde passou a residir, em todas as férias escolares. Ali, naquele ambiente saudável de liberdade rural próximo do rio Almonda, que à vista cortava o Tejo, ambos cercados de oliveiras, o menino saía a desbravar a paisagem. Atravessava sozinho grandes extensões de olivais, abrindo caminho entre arbustos e silvas para sentar à clareira da mata com frutos colhidos pelo caminho. «Meto um bocado de pão de milho e um punhado de azeitonas e figos secos no alforje, pego num pau para o caso de ter de me defender de um mau encontro canino, e saio para o campo» (Saramago, 2006: 16). Foi neste ambiente liberto, somado à «pobríssima morada» dos avós, casa de chão de barro batido, que a formação humanística de Saramago, com «metamorfoses decisivas da criança e do adolescente», teve início. Lisboa veio depois, quando o irmão Francisco havia falecido, e sem tirar do menino o contato com familiares –Maria Elvira, Francisco Dinis, José Dinis, Maria da Luz, Isaura, Conceição, Carlos, Domitília...– e com aquele ambiente que gerou o gosto pelos cavalos, o medo de cachorros, as lições do avô, as rixas com o primo José Dinis, o trabalho com os porcos, as pescarias, as caçadas, as brincadeiras nas árvores, as noites enluaradas. Já em Lisboa, em 1924, a faxineira Maria da Piedade e o policial civil José, pais de Saramago, talvez pela vida desprovida de recursos, mudaram dez vezes de residência no período de pouco mais de uma década, fato que levou o menino a cultivar nomes e lembranças, algumas amigas, outras nem tanto (os irmãos Barata, a família dos Dinises, Leandro, Carmen, Chaves, o amigo Felix...). Entre um endereço e outro, conversas, brincadeiras e passeios com amigos, idas frequentes aos cinemas Salão Lisboa e «Piolho», e os estudos formais na escolinha particular em que foi alfabetizado pela *Cartilha maternal* de João de Deus, no Liceu Gil Vicente, onde chegou a estar entre os melhores alunos, e na Escola Industrial Afonso Domingues, local de oportunidade de contato com a literatura e com a profissionalização de serralheiro mecânico. Teria, então, dezesseis anos.

A história termina com o jovem em férias, sentado num valado, «perto de uma oliveira ao pé da qual, dias antes, tinha visto um lagarto verde» (Saramago, 2006: 137). Saramago observa a movimentação de um homem e uma mulher namorando nas ruínas de uma malhada de porcos. Quando vão embora, o narrador, «sujeito de observação e participante da ação», fecha as lembranças dizendo que nunca mais voltou a ver ali o lagarto verde. Para Seixo, há uma mistura de real e imaginário centrada na memória do lagarto verde. Como se a própria estrutura narrativa, entremeada de espaços em branco entre uma lembrança e outra, «figurassem frinchas por onde esses seres vivos alapardados ao sol da memória se escapam quando pretendemos alcançá-los com gestos das nossas sombras escritas». O livro é, como quer ainda Seixo, «o lugar original formulado no começo [...] ligado à História e à imaginação [...], e ao extenso olival com troncos cujas locas se acoitavam os lagartos, destruídos pelos plantações agrícolas» (*Jornal de Letras*, n.º 942, 17.11.2006).

No espaço de vida desse rapazinho cabem lembranças significativas (para alguém que vai se tornar escritor), como aprender as primeiras letras tendo a pedra como caderno e o giz como lápis, os ensinamentos do avô, ouvir em voz alta o primeiro romance de que se lembra, *Maria, a fada dos bosques*, ler Molière em francês ainda garoto, ser transferido para a carteira de melhor aluno pela professora, escrever poema para a namorada; cabem também lembranças impactantes, como a violência do pai contra a mãe, a morte do irmão Francisco, a violência de rapazes desconhecidos que o levaram a uma rua afastada, com não mais que três anos, e enfiaram-lhe um arame na uretra...; e cabem, ainda, as lembranças ordinárias, como dormir com baratas passeando pelo corpo, negociar porcos, comer sopa com a mãe, cada um de seu lado, dividindo a colher, faltar à aula e ver a mãe brava, comer papos-secos ainda quentes comprados na padaria... A individualidade das memórias de Saramago não se nega a reconstruir esboço de história das mentalidades através do registro de hábitos corriqueiros, de crenças e de comportamentos, como o uso de defumadouros para afastar doenças e mau olhado, o sistema de contabilidade doméstica com sinais para contar tostões, o hábito comum de se andar descalço...

A narrativa memorialística tem um fundo sócio-cultural, embora submetido ao filtro subjetivo de quem escreve. A intromissão da História, bastante variável na intensidade, sugere muitas vezes o grau de compromisso do autor. Já se sabe à saciedade sobre o interesse histórico de Saramago, e seria desgastante repetir exemplos como este: «Devemos ter vivido na Rua Padre Sena Freitas uns dois ou três anos. Quando principiou a guerra civil espanhola era ali que residíamos» (Saramago, 2006: 40). Grande parte das lembranças de Saramago apresenta vínculo entre a trajetória individual e o contexto sócio-histórico, mas não se trata de preocupação sistemática. Há recortes costumbristas, traços de manifestações populares: gastronomia, medicina, moda, literatura, filmes, disciplina escolar.

Há certamente expressão de uma individualidade adulta. Há força reflexiva nisso, com repercussão no plano estrutural. Mas interessa mais a este artigo abordar os níveis de focalização narrativa e sua categorização biográfica, elementos que ajudam a fazer desta autobiografia uma configuração genérica contemporânea, isto é, mais espontânea na sua estruturação.

Sabemos que a tradição biográfica privilegia a linearidade cronológica, sujeitando a vida do biografado a uma seqüência natural: nascimento, infância, juventude, maturidade, velhice e morte. *As pequenas memórias* seguem, em parte, esse padrão, embora em menor abrangência porque se restringe à infância e ao início da juventude de Saramago.

A noção de sucessão cronológica se firma também pela remissão a certos endereços. Em Lisboa, a indicação das ruas por onde andou com a família, somada às referências sobre a idade do menino, situam os acontecimentos entre um antes e um depois, com um durante no meio. Eis um exemplo: «[...] teria uns sete anos, quando, ao princípio da noite, candeeiros públicos já acesos, dispondo-me eu a entrar no prédio da Rua Fernão Lopes, ao Saldanha, onde convivíamos em arranjo doméstico com outras duas famílias....» (Saramago, 2006: 21).

Dizer, porém, que o registro dos fatos só «em parte» se ajusta aos moldes tradicionais quer ainda dizer que Saramago não estrutura seu texto segundo uma ordenação cronológica rígida, e essa estratégia,

certamente consciente, empresta ao texto certa leveza, certo desprendimento, como se as informações fossem registradas ao sabor e ritmo das lembranças: na página quarenta e seis, por exemplo, encontramos o registro da cronologia da formação escolar de Saramago, com as datas de admissão e de conclusão de estudos. A passagem seguinte, já em parágrafo iniciado com espaçamento maior –como que para reforçar a drástica mudança de assunto– recai no ano do nascimento do autor para relatar o registro tardio. A isto se segue nova mudança de assunto, com salto cronológico: a movimentação dos vizinhos na Rua Padre Sena Freitas, em Lisboa, onde Saramago morou já rapazinho.

Esse desprendimento cronológico, solto entre analepses e prolepses, permite também as interferências do narrador-autor, puxando a experiência narrada para o tempo mais recente. Disso trato mais adiante. Fiquemos agora com um caso de prolepse, entre outros. O narrador descreve «o lar supremo, o mais íntimo e profundo, a pobríssima morada» dos avós maternos Josefa e Jerônimo, na Azinhaga. Entre os detalhes da ambientação desse «mágico casulo» (Saramago, 2006: 15), a prolepse ganha espaço: «Muito mais tarde, já tinham passado a muito os meus quarenta anos, comprei num antiquário de Lisboa um relógio semelhante que ainda hoje conservo, como algo que tivesse ido pedir emprestado à infância» (Saramago, 2006: 84).

O método para o registro dos fatos é, portanto, um tanto livre, semelhante à postura adotada, em tempos mais recentes, por vários memorialistas mais interessados nos registros espontâneos do que no rigor informativo seguido por uma cronologia rígida. Saramago, com frequência, muda de assunto de um parágrafo para outro. Essa liberdade, talvez a do ficcionista (sem que isso signifique afrouxamento espiritual) pode, em *As pequenas memórias*, ser o método, o próprio método. Suas memórias, enquanto espécie de gênero biográfico, são estruturalmente (no plano cronológico) um tanto libertas. A expansão dessa liberdade chega às citações, às reflexões filosóficas, políticas, aos poemas, motivos presentes em toda a obra de maneira não sistemática. É certo que esses veiculam informação biográfica, pois passam, por exemplo, fontes de inspiração criativa, ficando, neste caso, o entendimento de que o autor se esforça por «traçar a curva ascendente» de seu talento literário.

E aqui avulta uma importante linha temática das memórias, aquela que trata da formação do intelectual, do artista, em termos de estudos, influências, produção, ideologia, ação e produção literária, repercussão e importância. Este tipo de preocupação, quando central, leva a uma biografia crítica, interessada mais na compreensão da obra do autor, às vezes arregimentando fundamentos para análises textuais mais densas.

Reflexões dessa natureza, se registradas soltamente, reforçam a noção de um depoimento autobiográfico escrito um tanto à revelia de uma tradição mais fechada do gênero. Nesse diálogo com alguns de seus outros títulos, Saramago não se esforçou por desvendar recorrências estruturais ou apresentar sugestões psicanalíticas, ainda que tenha, levemente, recaído nessas instâncias no comentário de algumas memórias. Limita-se a informar sobre alguns títulos apresentando elementos de inspiração e sugestões sociais. As relações entre os temas de alguns romances e a realidade social que os inspirou levam o memorialista (e isso é interferência estrutural) a juntar interesse biográfico e preocupação sócio-histórica, o que não estranha em Saramago, um escritor que insiste no socialismo ideológico embora com nuances próprias. Essa remissão à obra ficcional, registre-se, não acontece de forma isolada, como um bloco informativo (crítico) à parte. Ocorre, antes, num entrecruzamento de informes biográficos e estéticos.

A estrutura das memórias privilegia, na sua configuração geral, a cronologia linear, orientando as informações principalmente para a infância e para a juventude do escritor, mas não dispensa comentários metacríticos sobre outras criações suas. Sirva de exemplo (Saramago, 2006: 14 e 94):

Muitos anos depois, com palavras do adulto que já era, o adolescente iria escrever um poema sobre esse rio –humilde corrente de água hoje poluída e malcheirosa– em que se tinha banhado e por onde havia navegado. *Protopoema* lhe chamou e aqui fica.

E foi aqui, agora que o penso, que a história da minha vida começou. (Nas aulas desta escola, e provavelmente e em todas as outras do país, as carteiras duplas a que então nos sentávamos eram exactamente iguais àquelas que, cinquenta anos depois, em 1980, fui encontrar na escola da aldeia de Cidadelhe, no concelho de Pinhel, quando andava a conhecer gentes e terras para meter na *Viagem a Portugal*).

Essa parcela de memórias de fundo metadiscursivo e com jeito de autobiografia intelectual contempla os seguintes aspectos: os primeiros passos rumo à intelectualidade (enfrentou leitura de *Manual de conversação português-francês* para ler Molière, apressou sua alfabetização lendo *Diário de Notícias*), primeiras leituras (*Maria, a fada dos bosques, A toutinegra do moinho, Salazar, Sempre Fixe, Século...*), primeiras influências literárias (Émile de Richebourg, António Ferro, Molière, F. García Lorca), conhecimento e gosto pelas artes (Giuseppe Verdi, Hieronymus Bosch), além das motivações e inspirações literárias (o cego Júlio, que se tornou personagem de *Ensaio sobre a cegueira*; o rio Almonda cercado de oliveiras, para o qual foi dedicado o *Protopoema*; mulheres que despejam os vasos de dejetos em *Manual de pintura e caligrafia*; a morte do irmão Francisco motivando *Todos os nomes...*).

Pela abrangência, *As pequenas memórias* podem ser tomadas por autobiografia intelectual, em termos amplos, sem ser crítica, uma vez que não carrega análises ou interpretações textuais. A única passagem, estendida por quase três páginas e que ganha esforço de análise, faz referência ao desprezado projeto memorialístico inicial cujo título, *Livro das tentações*, era influência direta da obra de Bosch. Dialogando com o narrador de *Manual de pintura*, o narrador explica que queria «mostrar que a santidade», enquanto «manifestação “teratológica”» do espírito, subverte a nossa «indestrutível animalidade», perturbando e desorientando a nossa natureza. Saramago queria transpor para um livro um Santo Antão (retratado por Bosch em *Tentações*) capaz de levantar «das profundezas todas as forças da natureza», todos «os monstros da mente», «a luxúria e os pesadelos, todos os desejos ocultos e todos os pecados manifestos». Desconfiado do «dotes literários», esse «sujeito do mundo» desistiu da idéia, ainda que, no processo de registro

das «memórias pequenas», tenha se sentido «sede de todos os desejos e alvo de todas as tentações» (Saramago, 2006: 32). De qualquer forma, trata-se de mais uma parada reflexiva, dessas que reforçam a referida polifonia temática capaz de justificar a condição nova dessa autobiografia (Saramago, 2006: 33).

Tal como ao santo assediaram os monstros da imaginação, à criança que eu fui perseguiram-na os mais horrendos pavores da noite, e as mulheres nuas que lascivamente continuam a dançar diante de todos os Antões do planeta não são diferentes daquela prostituta gorda que, uma noite, ia eu a caminho do Cinema Salão Lisboa, sozinho como era meu hábito, me perguntou uma voz cansada e indiferente: «o menino quer vir para o quarto?»

Essa analogia artístico-biográfica, certamente elaborada bem depois desses assombros da infância, confere às memórias de Saramago, com o conjunto de outras informações desse naipe, a condição de biografia intelectual, pois se trata de repercussão de velhas experiências. Seguem-se outros exemplos: «[...] É também desse tempo o descobrimento do mais primitivo dos refrescos que já me passaram pela garganta: uma mistura de água, vinagre e açúcar, a mesma que viria a servir-me, com exceção do açúcar, para, no meu *Evangelho*, matar a última sede de Jesus Cristo» (Saramago, 2006: 54); «[...] No *Memorial do convento* não se fala de S. Bartolomeu, mas é bem possível que a recordação daquele angustioso instante estivesse à espreita da minha cabeça quando, aí pelo ano de 1980 ou 1981, contemplando uma vez mais a pesada mole do palácio e as torres da basílica, disse às pessoas que me acompanhavam: “um dia gostaria de meter isto dentro de um romance”» (Saramago, 2006: 71-72).

*As pequenas memórias*, a exemplo do que se vê na biografia intelectual de Osman Lins (Igel, 1988) formalizam, em alguns momentos, «confluências empíricas», «possíveis transferências catárticas» da vida do autor para sua obra (Igel, 1988: 7). Neste particular, como em ou-

tras facetas, este relato autobiográfico é ainda uma escrita do eu, uma re-criação individual do mundo: «aqui separamos, distinguimos, arrumamos em gavetas, em depósitos, em armazéns. Biografamos tudo», afirmou Saramago (1983: 134) em *Manual de pintura*. A partir da escrita do eu, o indivíduo situa-se no universo, ordena sua vida, junta os cacos, arruma a casa, volta à morada primordial: «Só eu sabia, sem consciência de que o sabia, que nos ilegíveis fôlios do destino e nos cegos meandros do acaso havia sido escrito que ainda teria de voltar à Azinhaga para acabar de nascer» (Saramago, 2006: 11).

Nas narrativas autobiográficas, como nas memórias, o narrador se identifica com a pessoa real e com a personagem principal. Essa é a proposição de Lejeune (1983: 420), (autor=narrador=personagem). A projeção desse esquema em *As pequenas memórias* indica três Saramagos, o autor, que se deixou «encalhado algures no tempo»; o adulto narrador, com «poder reconstrutor da memória»; e o Saramago menino personagem, «criança melancólica», e «adolescente contemplativo, não raro triste» (Saramago, 2006: 16). A relação entre o «escritor-narrador» e o personagem reconstruído é «interferente e profunda», tal como acontece em *Menino de engenho*, de Lins do Rego, e certificado em *Meus verdes anos* (Castello, 1995). Para Lejeune (1975: 14), a especificidade da autobiografia é ser «relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência desde que ela ponha acento sobre a sua vida individual, em particular, e sobre a história da sua personalidade». Parece razoável, segundo esse entendimento, encarar as memórias de Saramago como uma experiência de retomada, regressiva, e, mais do que isso, como uma experiência relativamente nova no plano dos escritos autobiográficos.

A ordenação dos fatos recordados nem sempre é um processo fácil: daí a imagem labiríntica, reinterpretada ora como construção de uma imagem de si, ora como figuração de um sujeito que se desdobra na sua diversidade polifônica. As lembranças são posteriores aos fatos e, entre uma instância e outra, interferem, no resgate de um passado, vários fatores (Saramago, 2006: 58):

Às vezes pergunto-me se certas recordações são realmente minhas, se não serão mais do que lembranças alheias de episódios de que eu tivesse sido actor inconsciente e dos quais só mais tarde vim a ter conhecimento por me terem sido narrados por pessoas que neles houvessem estado presentes, se é que não falariam, também elas, por terem ouvido contar a outras pessoas.

A polifonia, como entende Lejeune, ocorre quando o narrador se divide em dois eus: o reflexivo (agente do autor, situado no tempo da enunciação) e o da memória (identificado com os fatos retroativos). O eu da memória, no livro de Saramago, é o eu-menino, depois adolescente; o eu reflexivo é o eu-narrador, o eu-adulto, que conta a história em primeira pessoa, mas capaz, em uma ou outra reflexão, de comportar-se com uma terceira pessoa, afastando-se do personagem da memória e aproximando-se do eu-centro, o autor. O eu autobiográfico, entende Lejeune (1983: 420), é um «diálogo de instâncias múltiplas», ou seja, é polifônico, assim entendido porque o eu que fala passa a ser um outro eu, que, por sua vez, mantém com o eu de quem fala uma relação distanciada: são os níveis de um mesmo foco. Nas suas memórias, Saramago deixa ver com clareza essas instâncias, às quais podemos associar as noções de enunciação e de enunciado, pois o relato oscila entre informações do tempo «presente» (ou mais recentes) e do tempo passado. Note-se a interferência do narrador na descrição da personagem do avô, «homem alto e magro, velho», que caminha de cabeça baixa atrás dos porcos trazendo um cajado ao ombro, vestido num «capote enlameado e antigo» (Saramago, 2006: 119).

[...] O homem que assim se próxima, vago entre as cordas de chuva, é o meu avô. [...] Arrasta consigo setenta anos de vida difícil, de privações, de ignorância. E no entanto é um homem sábio, calado, que só abre a boca para dizer o indispensável. [...] É um homem como tantos outros nesta terra, neste mundo, talvez um Einstein esmagado sob uma montanha de impossíveis, um filósofo, um grande escritor analfabeto. Alguma coisa seria que não pôde ser nunca.

As interferências do tempo da enunciação ajudam a compreender ou a promover certo distanciamento da autobiografia tradicional, principalmente no que se refere ao grau de interferência do narrador nas lembranças e pela forma assistemática, «espontânea» com que aparecem. Segue um exemplo: «Ainda não falei dos meus avós paternos. Como costumava dizer o poeta Murilo Mendes do inferno, existir, existiam, mas não funcionavam. Ele chama-se João de Sousa, ela, Carolina da Conceição, e para carinhosos faltava-lhes tudo...» (Saramago, 2006: 56). A fidelidade dessa reconstrução do passado, conquanto relativa, depende do autor. Saramago afirma, a propósito de certa passagem, que recorda «muito bem, com uma nitidez absoluta, quase fotográfica» (Saramago, 2006: 101).

Na revisão das vivências de Saramago, as instâncias da enunciação e do enunciado mesclam-se, alternam-se, fundem-se, e também se distanciam. Reiteradas vezes o narrador se afasta do personagem da infância para comentar e julgar, com olhar adulto e espírito judicativo, o que é exterior ao menino José, o que o cerca, as suas relações, as circunstâncias que o envolvem. Note a descrição do narrador de um amigo de colégio: «[...] Quanto ao Maurício, esse era um autêntico demônio de calções [...]. Com um temperamento assim, como um tal mau gênio, que terá feito este rapaz na vida? Éramos amigos, mas sem grandes confianças» (Saramago, 2006: 96). Exemplo expressivo, também porque o narrador autor denuncia sua opção partidária, é o relato do encontro do menino Saramago com uma página do semanário *Sempre Fixe* no caminho da escola, o Liceu Gil Vicente, aí por 1934. Nela, a imagem de uma mão de ferro e o título: «Uma mão de ferro calçada com uma luva de veludo» (Saramago, 2006: 130):

[...] Estas duas imagens –a de um Dollfuss que sorria vendo passar as tropas, quem sabe se já condenado a morte por Hitler, a da mão de ferro de Salazar escondida por baixo da macieza de um veludo hipócrita– nunca me deixaram ao longo da vida. [...] E são estas que me informam que já nesse tempo, para mim, mais por intuição, obviamente, que por suficiente conhecimento dos factos, Hitler, Mussolini e Salazar eram

colheres do mesmo pau, primos da mesma família, iguais na mão de ferro, só diferentes na espessura do veludo e no modo de apertar.

O personagem menino revive, pela voz do narrador, e este, enquanto adulto, interpreta essa revivescência. Vale aqui o que disse Picchio (*Jornal da Tarde*, 05.12.1998) sobre as memórias, que elas, não raro se tornam «pretexto para a interpretação de um hoje que filtra o passado com o alheamento comovido e irônico do depois». A ironia, elemento amplamente encontrado na obra romanesca de Saramago, é um dos recursos do narrador memorialístico. Observo Wilson Martins (*O Globo*, 09.10.1998) ao abordar a obra: «com uma idéia politizada do homem (em sentido aristotélico)», é que Saramago denuncia seu «resentimento irônico contra o mundo», o seu próprio mundo. Sirva de exemplo esta passagem (Saramago, 2006: 105):

Sim, naquele tempo era o Menino Jesus quem descia pela chaminé, não ficava deitado nas palhinhas, de umbigo ao léu, à espera de que os pastores lhe levassem o pão e o queijo, porque disto, sim, iria precisar para viver, não do ouro-incenso-e-mirra dos magos, que, como se sabe, só lhe trouxeram amargos de boca. O Menino Jesus daquela época ainda era um Menino Jesus que trabalhava, que se esforçava por ser útil à sociedade, enfim, um proletário como tantos outros.

Saramago demonstra, na prática memorialística, o que previu Bourdieu (1996: 187) em suas lições sobre o gênero: uma movimentação vital mais complexa, que problematiza através da forma e da tecitura, uma incapacidade de restaurar os fatos com isenção, seja por ordem emocional, ideológica, etária ou cronológica. A falta de isenção se deve à interposição do narrador-autor: «a criança que fui não viu a paisagem tal como o adulto em que se tornou seria tentado a imaginá-la desde a sua altura de homem. A criança, durante o tempo que foi, estava simplesmente na paisagem, fazia parte dela, não a interrogava, não dizia nem pensava» (Saramago, 2006: 15).

A dificuldade de isenção absoluta está, no limite, naquela intermediação signífica de que antes falamos: o discurso de Saramago não revela a realidade, a narração dos fatos reais é representações deles. Neste sentido, Bourdieu (1996: 185) tem razão ao afirmar que todo trabalho biográfico é «uma criação artificial de sentido», «uma ilusão retórica». Saramago, por seu turno, se pergunta se as memórias que guarda como verdade não teriam sido narradas por outros, se não teria, ele próprio, se transformado num ator inconsciente de episódios alheios (Saramago, 2006: 58). Ao recuperar experiências, o autobiógrafo faz mais do que simplesmente recordar fatos, dá uma versão deles sob perspectiva diferente. Questionando, Saramago antes reflete que duvida. Esse exercício reflexivo, marca enunciativa por excelência, não se sujeita a qualquer rigor metodológico. O critério, aqui, é ser honesto consigo mesmo. Pedro Nava (1978: 33-44) sustenta que, no território das recordações, «a sinceridade se impõe», porque «não é lícito mentir a si mesmo». De sua lavra, Saramago (1988: 27) descrê da existência de verdades ou falsidades puras. Toda verdade carrega em si algo de falsidade (nem que seja naquele sentido que nega), assim como a falsidade traz uma parcela de verdade. Dessa forma, um livro é composto por «fingimentos de verdade e de verdade de fingimentos». Ou, como quer Vicente Azevedo (1966: 11), ao falar de sua biografia de Fagundes Varela, um livro é composto de «um colorido humano a episódios autênticos».

Se a biografia (como produzida por terceiro, que não o biografado) exige rigor maior na interpretação dos fatos, a autobiografia facultada ao autor, por identificar-se com o narrador e o personagem, por identificar-se com os tempos do enunciado e de enunciação, certo despreendimento na exposição de suas memórias. Esta vantagem repercute na estrutura textual. No caso das memórias de Saramago, se converte em traço moderno, pelo que carrega de espontâneo, de «irresponsável». Assim, ajusta-se a certa tendência contemporânea, no campo da autobiografia, de imprimir certa tonalidade cronística ao texto.

### **Considerações Finais**

O gênero biográfico popularizado com individualismo moderno (há quem fale em narcisismo), chega aos nossos dias em pleno vigor.

Proliferam os diários, as memórias, os retratos pessoais, as autobiografias, as entrevistas. Em Portugal, José Saramago aderiu ao gênero quando publicou seu primeiro volume de diários, em 1994, o *Caderno de Lanzarote*. A ele seguiram outros quatro, ciclo fechado em 1997. Em 2006, o escritor volta ao gênero, porém, desta vez, com uma autobiografia memorialística. Afirmo Alzira Seixo (*Jornal de Literatura*, n.º 942 17.11.2006) que *As pequenas memórias* se destinam àquele que tem a curiosidade de saber como viveu e cresceu Saramago, ali se encontra a «expressão indelével provocada no sujeito da escrita por pessoas, lugares, habitações, momentos afetivos, lazer aprazível, de contato problemático com os outros, de entrada na escrita. Tudo isso é o livro».

O livro é «tudo isso», a história das experiências mais significativas de Saramago entre o nascimento e os dezesseis anos, um período de vida rico pelo que representa de formação humanística e direcionada para as artes: pelas «metamorfozes» que levariam Saramago, adulto, a se tornar um escritor consagrado.

É certo que a autobiografia, sobretudo quando escrita por um ficcionista, haverá de contaminar de subjetivismo adulto, de esteticismo, a verdade e a realidade biográfica resgatada. É como se o memorialista se projetasse entre um duplo e simultâneo foco, o da verdade biográfica distanciada no tempo e o do discurso concretizado no presente, então sujeito a interferências de toda ordem.

Philippe Lejeune (1975: 25) admite a necessidade de relativizar a posição categórica e admitir a existência de ambiguidades e de graus no espaço autobiográfico. A revisão do passado introduz o «pacto autobiográfico» fatalmente ligado à identidade, território onde as categorias de verdade, de realidade e de ficção não podem ser nitidamente demarcadas. O desenrolar da autobiografia, pela sua própria natureza, implica uma predominância da voz do narrador, constantemente presente, no sentido de que ele escolhe e ordena as lembranças.

No caso de *As Pequenas memórias* a intermediação reflexiva do «biografante» incursionou, entre outros fatores, pela política, pela filosofia, pela estética literária.

Essas interferências definem, em *As Pequenas memórias*, a configuração de uma postura libertária em face de certa categoria, a autobiografia. Saramago escreve espontaneamente e isso pode ser visto na qualidade das informações e na sua estruturação textual. Isso faz de seu texto, como fez de seus romances, um exemplo de discurso contemporâneo. Ao abordar alguns desses incursos reflexivos –os níveis de focalização narrativa e a categorização autobiográfica– conclui-se mais comodamente sobre contemporaneidade categorial.

## REFERÊNCIAS

- ÁLVAREZ, Maria Antonia. «La autobiografía y sus géneros afines». *EPOS –Revista de Filología* (vol. v). Madrid: U.N.E.D. 1989. 439-450.
- ARNAUT, Ana Paula. «Novos rumos na ficção de José Saramago: os romances-fábula (*As Intermittências da Morte, A Viagem do Elefante, Caim*)» *IPOTESI -Revista de Estudos Literários*. Vol. 15. n.º 1 (jan/jun). 2011. 25-37.
- ARNAUT, Ana Paula. *José Saramago*. Lisboa: Edições 70. 2008.
- AZEVEDO, Vicente. *Fagundes Varela*. São Paulo: Livraria Martins. 1966.
- BARBOSA, João A. «Até os limites da realidade». *Folha de São Paulo*. 6.12.1998.
- BOURDIEU, Pierre. «A ilusão biográfica». M. FERREIRA e J. AMADO. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 1996.
- BUARQUE, Daniel. «O gênero das multidões». *Folha de São Paulo*. 2004. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos>. Acesso em 27 jul. 2008.
- CASTELLO, José Aderaldo. «Memória e ficção: de Raul Pompéia a José Lins do Rego». *Remate de Males*. n.º 5. 1995. 33-44.
- COSTA, Horácio. «José Saramago é o Suco da Barbatana da Língua Portuguesa». *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*. n.º 3 (out-dez). 1998. Disponível em: <http://www.institutocamoes.pt/revista/impbrasil.html>. Acesso em 02 ago. 2008.
- COSTA, Horácio. *José Saramago: o período formativo*. Lisboa: Caminho, 1997.
- DAMULAKIS, Gerana. «Saramago, sempre Saramago». *Jornal da Poesia*. JB. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br>. Acesso em 12 jul. 2008.
- FERREIRA, Ana Dias. «Memórias de Saramago». 30.10.2006. Disponível em: <http://josesaramagoporextensao.blogspot.com>. Acesso em 15 jul. 2008.
- GASS, William. «A arte do self». *Folha de São Paulo*. 21.8.1994.
- GUSMÃO, Manuel. «Entrevista com José Saramago». *Revista Vórtice*. n.º 14 (maio). 1989.
- IGEL, Regina. *Osman Lins: biografia literária*. São Paulo/ Rio de Janeiro: T. A. Queirós Editora/ INL. 1988.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil. 1975.
- LEJEUNE, Philippe. «Le pacte autobiographique (bis)». *Poétique*, n.º 56 (nov). 1983. 417-433.
- LINHARES, Temístocles. «Da biografia e de alguns biógrafos». Suplemento literário de *O Estado de São Paulo*. 8/8/1970.
- LOPONDO, Lilian (org.). *Saramago segundo terceiros*. São Paulo: Humanitas/FFLHCH/USP. 1998. 111-130.

- MARTINS, Wilson. «Romancista da condição humana». *Jornal O Globo*. 9/10/1998
- MARTINS, Wilson. «Romancista da condição humana». *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*. n.º 3 (out-dez). 1998. Disponível: <http://www.insitutocamoes.pt/revista/impbrasil.html>. Acesso em 02 ago. 2008.
- MATHIAS, Marcelo Duarte. «O diário íntimo e a procura da identidade». *Jornal de Letras*. 23.04.1991. 16-18.
- MENDES, José Manuel. «De livro em livro». *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*. n.º 3 (out-dez). 1998. Disponível: <http://www.insitutocamoes.pt/revista/livroemlivro>. Acesso em 02 ago. 2008.
- MELO, Filipa. *A vida segundo José Saramago*. Disponível em <http://www.insitutocamoes.pt/escritores/saramago.html>. Acesso em 13 ago. 2008.
- MOISÉS, Massaud. «Nos cadernos de Lanzarote, a imagem do eu de Saramago». *Jornal da Tarde*. 29.05.1999.
- NAVA, Pedro. *Beira mar. Memórias 4*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- NETO, Miguel Sanches. «Visita a Lanzarote». *Gazeta do Povo*. 07.04.97.
- NETO, Miguel Sanches. «A vaidade justificável». *Gazeta do Povo*. 05.06.1999.
- PICCHIO, Luciana. S. «Saramago: Momento por todos esperado». *Jornal da Tarde*. 05.12.1998.
- PICCHIO, Luciana. S. «Saramago: Momento por todos esperado». *Jornal de Poesia*. Disponível em: [www.jornaldepoesia.jor.br](http://www.jornaldepoesia.jor.br). Acesso em 27 jun. 2008.
- REIS, Carlos. «Memorial do Convento ou a emergência da História». *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 18.02.1986.
- REBELO, Luís de Sousa. «Os rumos da ficção de José Saramago», prefácio à 2.ª ed. de *Manual de Pintura e Caligrafia*. Lisboa: Caminho. 1983.
- SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Cia das Letras. 1989.
- SARAMAGO, José. «O autor como narrador». *CULT—Revista Brasileira de Literatura*. n.º17 (dez). 1998. 25-27.
- SARAMAGO, José. «Entrevista» concedida a Adelino Gomes. *El País*. 20.08.2006 e 17.11.2006.
- SARAMAGO, José. *As pequenas memórias*. São Paulo: Cia das Letras. 2006.
- SARAMAGO, José. *Manual de pintura e caligrafia*. São Paulo: Cia das Letras. 1983.
- SEIXO, Maria Alzira. *O essencial sobre José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 1987.
- SEIXO, Maria Alzira. «José Saramago por extenso». *Jornal de Letras*. n.º 942. 17.11.2006. Disponível em <http://www.josersaramagoextenso.blogspot.com>. Acesso em 10 ago. 2008.
- SILVESTRE, Edney. «Entrevista com Saramago». Acessível em: [www.globo.com/jornaldaglobo](http://www.globo.com/jornaldaglobo). Acesso em 13 ago. 2008.

